

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2026.r7a42>

Recebido em: 15/06/2026

Aceito em: 30/06/2026

ENSINO VARIACIONISTA E PLATAFORMIZAÇÃO: POR ONDE CAMINHA O ENSINO DE MT?

VARIATIONIST TEACHING AND PLATFORMIZATION: WHERE IS LANGUAGE EDUCATION IN MT HEADING?

Valdelice de Oliveira Holanda

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8764-1043>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5327361711374842>

Doutoranda em Linguística

Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Brasil

E-mail: valdelice.holanda@unemat.br

Jocineide Macedo Karim

Orcid: <https://orcid.org/000-0003-3373-4476>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2146448441116365>

Pós-doutora em Letras

Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Brasil

E-mail: jocineide.karim1@unemat.br

RESUMO

Este artigo é uma atividade de pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT na linha de pesquisa da Sociolinguística e tem por finalidade discutir a política atual de organização curricular para o Sistema de Ensino da Rede Estadual de Mato Grosso, quando propõe diversas plataformas de ensino na área de linguagem, tal como Plataforma Plural, Letrus, Mais Inglês e ainda, Plataformas voltadas para a formação continuada de professores que ancoram a organização das práticas curriculares, aqui em específico, quando se trata da variação linguística, como um conjunto de habilidades a serem trabalhadas pelos professores de Língua Portuguesa no trato do ensino da língua materna. Este texto, tem por base os estudos de Antunes (2023,2007), Bortoni-Ricardo (2005, 2021,), Almeida e Bortoni-Ricardo (2023), Weinreich, Labov e Herzog - tradução Marcos Bagno (2023). Os dados, coletados por meio de entrevistas e aplicação de questionários a professores de LP de duas escolas em MT, uma em Cuiabá e outra em Várzea Grande, com base nos pressupostos da pesquisa sociolinguística e indicam que o tempo pedagógico dos professores de LP tomados pela necessidade de uso das plataformas tendem a criar lacunas nas práticas pedagógicas que se desenvolve na sala de aula, contribuindo para possível silenciamento ou mesmo criar uma subcategorização do ensino variacionista quando se trata de regionalidades importantes, tal qual o falar cuiabano. A relevância está em contribuir para a formação de professores e subsidiar

discussões acerca da implementação do ensino variacionista e da política curricular em Mato Grosso.

Palavras-chave: Variação linguística; plataformização; política curricular.

ABSTRACT

This article is a research activity linked to the Graduate Program in Linguistics at UNEMAT, within the Sociolinguistics research line. It aims to discuss the current curricular organization policy for the State Education Network of Mato Grosso, which proposes several teaching platforms in the language area, such as Plataforma Plural, Letrus, and Mais Inglês, as well as platforms focused on continuing teacher education that anchor the organization of curricular practices. Specifically, it addresses linguistic variation as a set of skills to be developed by Portuguese language teachers in native language education. This text is based on studies by Antunes (2023, 2007), Bortoni-Ricardo (2005, 2021), Almeida and Bortoni-Ricardo (2023), and Weinreich, Labov, and Herzog - translated by Marcos Bagno (2023). The data, collected through interviews and questionnaires administered to Portuguese language teachers from two schools in Mato Grosso (one in Cuiabá and another in Várzea Grande), rely on the assumptions of sociolinguistic research. The results indicate that teachers' pedagogical time, consumed by the mandatory use of these platforms, tends to create gaps in classroom pedagogical practices. This contributes to a possible silencing or even the subcategorization of variationist teaching regarding important regional features, such as the Cuiabano dialect. The relevance of this study lies in its contribution to teacher education and in supporting discussions about the implementation of variationist teaching and curricular policy in Mato Grosso.

Keywords: Linguistic variation; platformization; curricular policy.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa tem sido alvo de muitos estudos, dentre eles podemos destacar a sociolinguística, uma vez que pesquisas na área de variação e mudança linguística conferem à língua um caráter de heterogeneidade sistemática, ao considerá-la em sua diversidade, bem como, compreendendo-a como sendo composta tanto por fatores extras, quanto intralinguísticos. Esses fatores diversos, dada as características de multiplicidade social e cultural dentro de uma mesma comunidade definem maneiras diferentes em seus falares. E isso, em tese, já deveria requerer uma atualização metodológica e alteração das atuais concepções de ensino, mais tradicionalistas e de caráter homogêneo. Pois, é fato que a variação linguística não pode ser ignorada na escola, sendo, portanto, papel do professor apresentar aos estudantes a existência das diferentes formas de se falar sobre algo. Essa pluralidade nas

diferentes formas de se expressar revelam objetivos comunicativos distintos, determinados pela própria diversidade cultural dos grupos, a partir da formação histórica das localidades.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) afirma que “os comportamentos linguísticos” expostos frente às variantes linguísticas utilizadas pelo outro é capaz de “indicar estratificação social”, pois é possível identificar os diversos grupos sociais pelo uso que fazem da língua. Essa atitude, dadas as condições socioeconômicas do Brasil na distribuição injusta de renda, acaba por expor formas mais valorizadas de falar, destinando maior prestígio às variantes que se aproximam mais da norma padrão da língua.

Desta forma, vamos apontar neste artigo, que também na escola, as condições de ensino podem ajudar a aprofundar as diferenciações sociais já existentes, quando as práticas pedagógicas são permeadas por atividades ou ações que retiram do professor, ou apenas centra nele, a capacidade de ter um olhar pedagógico mais sensível às múltiplas diferenciações que se colocam dentro da sala de aula. Neste texto, então, pretende-se a partir de um substrato de dados coletados nos estudos de doutoramento em Linguística pelo PPGL da UNEMAT, para demonstrar como o eixo variação linguística no composto do texto da BNCC e a organização do trabalho pedagógico em Mato Grosso -MT, com uso de várias plataformas nacionais, podem impactar no desenvolvimento de habilidades que instrumentalizem professores e capacitem estudantes a perceber os vários contextos sociais e linguísticos da língua em uso.

A ideia é apresentar aqui contrapontos em que o ensino de variação linguística na articulação com a política curricular brasileira e mato-grossense e o sistema de plataformização no sistema de ensino em MT, podem produzir impactos, dado ao fato que algumas dessas plataformas, tal como *Mais Inglês EF* (English First) todas as aulas chegam prontas para que os estudantes possam interagir direto com as aulas e conversações na plataforma, sem necessariamente a mediação do professor. De sorte, que aos professores cabem o papel de exigirem pontualmente de cada estudante a realização das lições estabelecidas. Vamos ainda, apresentar outras plataformas, tais como *Letrus* para língua portuguesa, *Matific* para matemática, *Avadep*¹ para a formação de professores e a plataforma *Plural* para o sistema de ensino estruturado que também exige uma sensibilidade maior no trato didático-pedagógico e

¹ AVADEV – Ambiente Virtual de Aprendizagem e Desenvolvimento Profissional

tecnológico que estão inseridas no cotidiano escolar tanto dos profissionais, quanto dos estudantes.

Este trabalho problematiza como a reprodução do preconceito linguístico e o aprofundamento das assimetrias sociais encontram terreno fértil na escola quando o planejamento pedagógico engessa a atuação do professor, neutralizando sua sensibilidade diagnóstica diante da heterogeneidade da turma. Especificamente, examina-se como a abordagem de variação linguística proposta pela BNCC, associada à gestão do trabalho pedagógico em Mato Grosso via plataformas nacionais automatizadas, afeta a autonomia didática. Discute-se a urgência em fornecer ferramentas que capacitem educadores e educandos a mapear os contínuos sociolinguísticos e a legitimar a pluralidade das práticas discursivas no ambiente escolar.

Dessa forma, apresentamos os pontos de análises com as amostras dos dados coletados para a pesquisa.

2 METODOLOGIA

A pesquisa na sociolinguística tem por premissa a identificação de variáveis que permitem a observação de um fenômeno por meio de um conjunto de instrumentos para a coleta de dados permitindo desse modo, que análises tanto qualitativas, quanto quantitativas sejam realizadas objetivando identificar padrões, correlacionar uso das variantes com variáveis sociais, com o propósito de entender como a variação linguística reflete a estrutura social. Assim, foram utilizadas para este artigo, um trecho da entrevista realizada por uma das professoras colaboradoras e que não faz parte do arcabouço de análises realizadas na nossa tese de doutoramento, mas que se constituíram por achados importantes da coleta de dados.

É um trabalho de análise pela abordagem qualitativa, fundamentada na técnica de análise da pesquisa na sociolinguística, porque possibilita uma compreensão mais profunda e detalhada dos fenômenos linguísticos, considerando as múltiplas dimensões e contextos envolvidos.

A coleta de dados feita por meio de entrevista foi suficiente para proporcionar uma visão da prática docente e os desafios que estão associados a atividade do professor, sobretudo do

professor de língua portuguesa em tempos pós-pandêmico em que o uso da tecnologia e das plataformas de ensino se fizeram necessárias, cruciais e importantes.

A professora tem 47 anos de idade, é professora de LP a 25 anos, e atualmente trabalha na Escola Estadual Cuiabá², na região central de Cuiabá, sendo esta, uma importante escola estadual pública de Mato Grosso. E informou possuir, em sua formação, conhecimentos acerca da abordagem sociolinguística.

O recorte da entrevista, com os dados coletados, faz parte do eixo 1 Sociolinguística e variação linguística no ensino de MT– categoria de análise 2 – Como se percebem professores de LP e educação linguística - elaborado para analisar o contexto da prática pedagógica do professor como um composto do seu papel na execução de atividades de ensino voltadas para a questão da variação linguística. A entrevista organizada em doze (12) perguntas, em quatro (04) delas, mesmo versando sobre outros sentidos acerca do trabalho variacionista a professora repetiu a palavra “plataformização” por oito (08) vezes. Essa reiteração, apesar de não constituir dado para a tese, chamou-nos a atenção. Este artigo, constitui-se, então, numa forma de dar voz às inquietudes dessa colaboradora, sobretudo, ao que tão insistentemente a professora quis que déssemos atenção.

3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FOCO

A variação linguística é um tema que requer ainda muita atenção por parte dos professores de LP, pois é necessário levar o estudante a refletir sobre a fala, a partir de elementos culturais e históricos e fatores extralinguísticos, o uso de recursos tecnológicos que exigem maior conhecimento desses profissionais aliados a instrumentos linguísticos mais universalizados, tais como as plataformas de ensino, que talvez possam se tornar em tendência para que aspectos das regionalidades culturais e linguísticas fiquem marginalizados ou mesmo apresentados de modo pontual e fortuito nas salas de aula.

A realização de um trabalho que tenha por premissa conceitos sociolinguísticos passa necessariamente pela ideia de que a língua não é algo estático, cristalizado e acabado, mas pelo

² Nome apenas representativo. Assegurando pelo Parecer nº 7.299.353 da Comissão de Ética em pesquisa, emitido em 16 de dezembro de 2024.

conceito de que é justamente a mutabilidade, a complexidade e a dinamicidade existente no interior das relações sociais que podem conferir uma condição mais democrática e justa para todos os falantes, por esse pensamento pode-se conceber a heterogeneidade constitutiva das línguas humanas (Weinreich, Labov E Herzog, 2023), pois seria capaz de instrumentalizar a análise do professor pela sistemática da variação e mudança linguísticas.

Tarallo (2005, p. 11-12) vai nos chamar a atenção para o binário padrão/não padrão, em que tais categorizações se baseiam na noção da existência da supremacia de uma variedade sobre outras, essa condição de estigmatização ou de prestígio entre as variedades são constituídas no contexto das relações entre as questões econômicas, culturais e sociais e o uso efetivo da língua, com isto, o autor vai afirmar que nem sempre essa relação de concorrência é verificada, dadas as condições das atitudes linguísticas não serem alcançadas na profundidade em que ocorrem e nem no contexto dos conflitos em que estão inseridas. Essa condição de sublimação a que os falantes de uma variante desprestigiada se submetem, é uma das faces cruéis da discriminação, e em muitos casos, o professor também não consegue enxergar, devido as nuances sociopolíticas e econômicas muito mais profundas e perenes que estão presentes na relação língua e sociedade.

Esses comportamentos sociais que se repetem na sala de aula, segundo Bortoni-Ricardo (2005) são indicadores da estratificação social, refletidas no uso da língua que permite evidenciar mais claramente essas diferenciações.

Há que se considerar que o período da pandemia, com ensino remoto, produziu desafios gigantes a serem vencidos à época, o que ensejou em trazer até os dias atuais, inúmeros outras dificuldades acerca do ensino variacionista, agora falando especificamente do período pós-pandêmico, em que surgem linguagens emergentes, tanto no vocabulário quanto em outras mídias (corporal, visual) que vão exigir adaptação dos professores para incorporar essas novas formas de expressão ao currículo, inclusive com uso de múltiplas ferramentas tecnológicas, as chamadas plataformas de ensino.

No modelo de sala de aula convencional, o professor atua em um território controlado, onde a variação diastrática (social) e diatópica (geográfica) se manifesta sob regras institucionais implícitas. Com a migração para as plataformas digitais, as fronteiras entre o espaço público da escola e o espaço privado do lar se romperam:

- **Exposição da Realidade Sociolinguística:** Aberturas de microfones e interações no chat expuseram de forma crua as diferentes variantes linguísticas de redes sociais e de grupos familiares.
- **Emergência do Internetês:** O uso intensivo de chats e fóruns institucionalizou variantes diafásicas específicas da internet (abreviações, gírias e emoticons) dentro do ambiente escolar.
- **Acentuação do Abismo Digital:** A desigualdade socioeconômica refletiu diretamente no acesso linguístico. Alunos com pior infraestrutura tecnológica enfrentaram exclusão digital, o que limitou sua participação nos novos eixos de oralidade e escrita multimodal

Dessa forma, ao tratar do tema variação linguística como foco desse texto, faz-se necessário relacionar a aspectos sociais e culturais, em sendo assim, falamos também de identidade e de valores, pois nestes contextos eles se formam, baseado na interação entre os falantes, ponto importante para a compreensão da diversidade e da riqueza das diferenciações advindas das culturas em todo o mundo. Por isso, não tem como falar em variação linguística sem essa correlação identitária. Segundo Moreno Fernandez (1998) é justamente a identidade linguística que diferencia grupos sociais, étnicos e culturais, sendo a língua o elemento que estabelece essa identificação. A diversidade linguística reflete as especificidades de cada grupo social e demonstram os diversos fenômenos relacionados a este uso efetivo da língua.

Contudo, faz-se necessário falarmos rapidamente acerca do que entendemos por identidade com base na teoria de Bourdieu (2010) ao afirmar que identidade não é um conceito fixo, mas sim um produto complexo da interação entre as estruturas sociais e o *habitus*, ele apresenta como sendo um conjunto de disposições internalizadas que molda a forma como os cidadãos percebem e agem no mundo. Para o autor, a identidade se manifesta em estilos de vida, gostos e práticas que são diferenciados socialmente por meio do poder simbólico da escola, inclusive. Há então, um processo de legitimação estabelecido pelas relações de poder a todos os fenômenos intra e extralinguísticos.

Nesse contexto então, validamos o pensamento de muitos estudiosos das ciências humanas e de linguagem ao tecerem críticas quanto ao ensino meramente instrumental e tradicionalista de LP, dentre eles destacamos Faraco (2008), Antunes (2003), Bagno (2007), Soares (2023), Mollica; Braga (2003), Freitag (2009), Bortoni-Ricardo (2004, 2005) entre

outros, em que se reconhece a pluralidade multidialetal brasileira, marcada pela riqueza de sotaques, expressões, gírias e estruturas gramaticais específicas em cada região, que tem ido de encontro com o ensino limitado da gramática nas aulas, segundo afirmam em seus estudos. Esse valor simbólico, conferido pelo poder da escola, produz o sentimento de uma pseudo homogeneização e reforça o falso pensamento de que somos um país de tradição monolinguista.

4 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A POLÍTICA CURRICULAR

O ensino de LP carece de vencer desafios frente a questão da variação linguística, não somente apenas como um conteúdo para uma aula de segunda-feira, ou do bimestre tal, ainda que os materiais didáticos dediquem um espaço para o fenômeno da variação, é preciso vislumbrar a dicotomia entre escrita e oralidade, pois essas “aberturas” didáticas são tomadas das formas estigmatizadas de variedades orais. Há até uma certa “permissão” que o estudante manifeste a sua variante na fala, contudo, jamais na escrita.

Já que é no contexto escolar que diversas culturas e experiências linguísticas se encontram, também deve ser na escola que precisam aprender a socializar-se, percebendo essas diferenças sociais, para que a partir desse reconhecimento tenham condições de usar e dominar outras variedades da língua, principalmente a padrão, em que deverão se aproximar da linguagem escrita.

Nesse contexto, de uso e dominação de diversas outras variedades, pra além da sua própria, Bortoni-Ricardo afirma que,

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 25).

A política curricular brasileira está traduzida no documento da BNCC, e a política estadual, no Documento de Referência Curricular para ensino fundamental e para o ensino médio - DRC. Nesses documentos que são similares, apenas o DRC/MT traz algumas

referências às regionalidades culturais do Estado. A definição de variação que estes documentos trazem dão conta de explicar conceitualmente como sendo central o desafio, que o estudante, enquanto usuário da língua, tenha competência e habilidades para pensar sobre o uso linguístico para além das regras, tornando-se assim um “sujeito competente” – termo utilizado na BNCC para caracterizar o estudante que é capaz de mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida humana (Brasil, 2018). Essa ideia, então, de “sujeito competente” depreenderá que haja um deslocamento da tradição gramatical prescritiva para uma contextualidade mais heterogênea e interativa.

Outro aspecto importante a se considerar acerca do ensino no contexto pandêmico e que perdura ainda hoje, apesar de um período de naturalização agora no período pós-pandemia, é a questão da variação linguística, que nesse contexto histórico, se intensificou ainda mais. Na pandemia, com a necessidade do fechamento das cidades e escolas, com a inserção do ensino remoto no cotidiano da profissão docente, foi preciso lançar-se no desconhecido mundo virtual com muitos desafios para compreender o funcionamento dos aplicativos de reuniões gerenciais, e ainda, lidar com a falta de preparo dos professores para integrar as novas linguagens digitais e o surgimento de um vocabulário específico e emergente, aliado a isto, os ambientes virtuais deixaram em evidência as desigualdades de acesso a dispositivos, internet de qualidade e capacidade tecnológica tanto para alunos quanto para professores.

Neste contexto histórico, podemos apontar alguns desafios pedagógicos que podem ser analisados sob a lente da Sociolinguística. O principal obstáculo enfrentado pelos docentes foi o risco de retrocesso a uma pedagogia puramente corretiva. Sem o contato presencial e as pistas não verbais da interação humana, a tendência inicial de muitos ambientes virtuais foi a aplicação rígida da gramática normativa para avaliar a escrita nos chats. Sob a ótica da sociolinguística educacional, essa hipercorreção digital pode silenciar o estudante. O erro gramatical na digitação rápida, muitas vezes, reflete apenas uma variação de registro (adequação ao meio eletrônico) e não uma incapacidade cognitiva ou desconhecimento estrutural.

5 PLATAFORMIZAÇÃO E O ENSINO DE LP EM MT: POR ONDE CAMINHAM?

O Sistema de ensino de MT, por meio da mantenedora Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, a partir de 2022 até agora, vem investindo muito em instrumentos de ensino, tal como o Sistema Estruturado de Ensino – SEE, que veio acompanhado da plataforma Plural³. É uma ferramenta tecnológica que está à disposição do professor e do estudante, além disso como estratégia de melhoria dos indicadores de aprendizagem voltados para a construção e consolidação de habilidades de escrita, outras plataformas foram incluídas no cotidiano da escola, na relação professor-aluno, o que se pode enumerar: Letrus⁴ uma plataforma que com o uso de inteligência artificial tem o objetivo de ajudar na consolidação de habilidades interpretativas e competências na área da escrita, voltada para a disciplina de LP e o Mais Inglês. Essas plataformas são compostas de ciclo de ensino e atividades que os professores e alunos devem realizar. O uso delas criam indicadores com percentuais de participação e engajamento que servem para o monitoramento da escola pela Diretoria Metropolitana de Educação. Ainda que impactem positivamente nos indicadores de resultados da educação, por outro lado, isso pode limitar o tempo pedagógico do professor, pois precisam cumprir as metas estabelecidas para participação e proficiência dos estudantes quando das avaliações produzidas pelo sistema estruturado de ensino.

O recorte feito dos estudos de parte dos dados coletados já aponta pela colaboradora em questão, como uso excessivo dessas ferramentas. A professora ouvida reconhece que tais instrumentos são bem eficazes em seus propósitos, no entanto, afirma que esse recurso toma boa parte do tempo pedagógico, que vai desde a preparação da aula até a sua execução. O termo “plataformização” foi utilizado por esta colaboradora durante o processo de coleta de dados, onde, segundo a referida professora, há uma modificação do papel docente. E para a formação dos professores ainda tem a plataforma de estudos, sendo uma delas, a *AVADEP* – Ambiente Virtual de Aprendizagem e Desenvolvimento Profissional em que todos os profissionais devem realizar cursos de formação, para obtenção de pontuação necessária para receber anualmente a

³<https://home.plurall.net>

⁴<https://www.letrus.com>

Gratificação por Resultado – GR, conforme Decretos 984 de 27 de agosto de 2024 e 1648 de 04 de setembro de 2025 do Governo de Mato Grosso.

Pressupõe-se que seja necessário reconhecer a legitimidade das diferentes formas de ensino da língua, desde que, pela concepção da sociolinguística, os instrumentos linguísticos, dentre eles as plataformas de ensino, não encerrem em si o tempo de atuação do professor de LP. Quanto a isso, Bortoni-Ricardo (2005) faz uma importante consideração:

Não basta, por exemplo, escrever uma gramática variacionista e entregá-la ao professor, pois estaríamos simplesmente substituindo a gramática normativa que já usa por outra, onde os fenômenos da língua não são tratados como categorias, mas vem acompanhados das probabilidades de sua ocorrência de acordo com os fatores que os desencadeiam ou os inibem (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 130).

Com isso, concordamos com a autora quando reforça a articulação entre teoria e prática, ainda que essa forma de se conceber o ensino esteja no composto da organização de um sistema de ensino, tal como uma plataforma. O que se pressupõe é que mesmo com os variados instrumentos a disposição tanto de professores, quanto de alunos, não se esteja dando mais do mesmo.

A nossa colaboradora em questão, fez algumas considerações acerca do que acredita estar acontecendo com os estudantes que em sua avaliação está impactando nas mudanças linguísticas dos seus alunos.

Abaixo alguns excertos:

1. Excerto

É a Secretaria de Educação com a insistência sobre a infusão de plataformizações e digitalização, digital, digital, digital, que está fazendo com que o aluno perca sua identidade cultural e a valorização da sua própria linguagem.

Os relatos da educadora evidenciam como as ferramentas digitais atuam na homogeneização da linguagem nas escolas de Mato Grosso. Sob a ótica sociolinguística, pode-se inferir, também, a possibilidade de haver a saturação tecnológica o que poderia impor um padrão comunicativo que deslegitima a variação linguística regional, aprofundando o preconceito contra os falares locais e silenciando a identidade cultural dos estudantes.

Cyranka (2015) acerca das possibilidades contextuais de uso da língua faz a seguinte afirmação:

...o que cabe ao professor é, simplesmente, considerando as experiências reais de seus alunos quanto ao uso da língua portuguesa, considerando a variedade linguística que eles utilizam e sua capacidade de nela se expressarem, conduzindo-os nas atividades pedagógicas de ampliação de sua competência comunicativa (Cyranka, 2015, p. 35).

A autora defende, atualmente, que o professor utilize as experiências reais dos alunos - incluindo a linguagem informal de redes sociais e plataformas - como ponto de partida para ampliar sua competência comunicativa, transitando para a norma culta.

2. Excerto

Eles (estudantes) tanto não querem a plataformização, trabalhar com a questão de fazer exercícios online, e também não querem ter o trabalho de pensar, eu acho que eu vejo mais isso, ter o trabalho de pensar e colocar a sua escrita ali para o professor ler, porque o nível de erro de gramática da maioria deles, em suma, gravíssimo.

A colaboradora também avalia que os ambientes virtuais, estão apontando aos alunos caminhos mais fáceis a serem trilhados na construção de seus conhecimentos, o que naturalmente estar-se-ia retirando deles a capacidade de mediar a ação e o pensamento.

Apesar dos reveses estruturais, a incorporação forçada de plataformas de ensino também descentralizou o livro didático tradicional e abriu espaço para a riqueza das práticas discursivas contemporâneas:

Prática Tradicional → Limitação ao livro físico e foco na norma-padrão isolada.

Uso de Plataformas → Inclusão de podcasts, blogs, memes e chats como objetos de análise linguística.

Essas ferramentas viabilizaram o trabalho com sequências didáticas focadas em gêneros textuais digitais. O professor pôde, em tempo real, coletar exemplos de "internetês" ou publicações de redes sociais para demonstrar como a língua se adapta ao contexto comunicativo. Isso materializou o conceito de adequação linguística no lugar do binômio simplista do "certo ou errado".

Bortoni-Ricardo, ainda em 2011, p. 15, já apontava que “as redes sociais de interação [são] um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo.”

Em suas atualizações teóricas mais recentes, a metodologia da autora passou a englobar explicitamente o cenário tecnológico, adicionando o ambiente digital aos seus eixos analíticos. Originalmente, ela explicava o Português Brasileiro por meio de três contínuos: o de urbanização, o de oralidade-letramento e o de monitoração estilística. Recentemente, o modelo foi expandido:

- **O Contínuo de Acesso à Internet:** Inserido na última década na metodologia da autora, esse contínuo analisa como o nível de inserção e engajamento do indivíduo nas plataformas digitais impacta diretamente o seu repertório linguístico;
- **O Contínuo de Monitoração Estilística:** Este eixo classifica as interações que vão desde as totalmente espontâneas (baixo monitoramento) até as planejadas (alto monitoramento).

De acordo com o modelo de contínuos de Bortoni-Ricardo (2004, 2021), as interações nas plataformas digitais flutuam no contínuo de monitoração estilística. Enquanto um e-mail de trabalho enviado por uma plataforma corporativa exige alto monitoramento e proximidade com a norma padrão, uma mensagem de chat ou comentário em redes sociais posiciona-se no extremo oposto, caracterizado por interações espontâneas e baixo monitoramento, onde a escrita simula traços da oralidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa dessas análises que envolvem os documentos curriculares, tal como a BNCC quando trata do objeto de conhecimento variação linguística, considera-se que a política curricular atual exige dos professores de LP uma leitura crítica e reflexiva, a fim de garantir que os caminhos entre as políticas curriculares e as políticas de organização do ensino em MT de algum modo possam ser convergente.

A escuta sensível aos professores pode ser um caminho importante a ser trilhado, o tempo da sala de aula e o tempo pedagógico devem ser dedicados às práticas que evitem o preconceito linguístico ao ensinar aos alunos a se comunicarem de forma eficaz em contextos diferenciados, adequando a linguagem a diferentes situações comunicativas.

O uso das plataformas tem seu valor e importância. O acesso a materiais diversos nos parece tanto ser direito do estudante quanto do professor e nos parece também considerar como ponto passível é que a tecnologia trouxe alterações e mudanças inestimáveis, que claro, vão impactar sobremaneira tanto no modo de pensar quanto de executar as atividades profissionais do professor.

A profissão docente em tempos de plataformização, requer o entendimento de que não se deve toma-lo por mero monitor focado em métricas e dados, em vez de constitui-lo por um educador autônomo. Pode ser uma linha tênue entre a inovação e a precarização do trabalho, dada a maior vigilância, pressão por metas e diminuição do tempo para a interação pedagógica. Retoma-se, dessa forma, o conceito de identidade social tanto abordado por Bourdieu (2010), quanto de identidade linguística apontado por Tarallo (2005). O primeiro conceito, dá-se num processo de interação entre as disposições internalizadas e as estruturas sociais resultantes das relações de poder, e no segundo, identidade está no nível de percepção que esse falante é capaz de ter acerca de si e dos outros, quando imerso nessa mesma diversidade de relações linguísticas e sociais.

Em síntese, o que discutimos aqui evidencia que ainda não é tão pacífico a articulação da prática docente com os recursos a disposição do professor no sistema de ensino em MT. As políticas curriculares ainda não propõem ações mitigadoras para o reflexo que os inúmeros recursos tecnológicos que desembarcaram tão rápida e bruscamente no tempo pedagógico do professor, o que tem produzido ressentimentos na busca por um tempo de preparação e audição desse profissional. Propostas formativas e estudos dos materiais e instrumentos didáticos dispostos nas escolas devem estimular novas investigações que estejam comprometidas com a construção de um ensino da LP mais coerente com os direitos linguísticos e culturais dos estudantes, mas também, com os direitos do professor, sem que ele sinta que esteja submetido a condições precárias para desenvolver seu trabalho, em especial, levar a bom termo, um ensino variacionista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Joyce Elaine de; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Variação linguística na escola**. São Paulo: Contexto, 2023.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**: tradução Fernando Tomaz 13. ed. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na escola**. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Português brasileiro, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: MEC/SEB,2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

BRASIL. Lei 9394/96 Brasil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 12 jan.2019.

CYRANKA, Lúcia. A pedagogia da variação linguística é possível? *In*: ZILLES, A. M. S.; FARACO, Carlos Alberto. (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015, p. 35.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. **Matraga**, v. 16, n. 24, p. 115–132, 2009.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Princípios de Sociolinguística y Sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.